



RESENHA. FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

Simone Becker (UFGD-Bolsista {CN}Pq; simonebk@yahoo.com.br)

308

Dedico estas costuras de palavras resenhadas ...
ao(s) meu(s) amor(es) fati('s)...

As edições n-1 lançam um dos mais belos e potentes (redundâncias à parte) ditos e/ou escritos de Michel Foucault. Originalmente produzidas enquanto conferências radiofônicas proferidas pelo filósofo nos dias 07 e 21 de dezembro de 1966, no France-Culture, “O corpo utópico, as heterotopias”, ao ser transposto para formato de livro é anunciado na contracapa da edição, como “Um outro tom de Foucault. Um outro Foucault. Mais confessional e mais próximo da literatura” (FOUCAULT, 2013, s/p). Quiçá por serem tessituras contemporâneas à imortalizada “As palavras e as coisas”, tomada por alguns como obra de viés estruturalista (...). O que me importa é traçar algumas costuras que me toca(ra)m e me co-move(ra)m a adjetivar “O corpo utópico, as heterotopias” como “belo e potente, redundâncias à parte”. Aliás, sem deixar de ligar tal “vontade de potência” *nietzschi*ana aos escritos finais de “As palavras e as coisas”, a partir dos quais, Michel Foucault enuncia – ao invés de somente anunciar – a morte do homem através (porque atravessado pelas) ciências humanas, com especial destaque para as inquietações suscitadas pela psicanálise, antropologia-etnologia e linguística. Uma morte que ele faz questão de vincular à de Deus, evocada por Nietzsche.

A obra (ou mantra-relicário) “O CORPO UTÓPICO, (...)” foi-me apresentada no espaço da Selvática¹. Combinação perfeita, “im-pecável”. Esse espaço, o da Selvática ao qual me referi, considero como um dos (tantos) lugares ímpares de Curitiba, porque pulsante para a vida em sua multiplicidade de sentidos aos sentidos. Múltiplas experimentações, apesar de pesares emergentes do contexto da “República de Curitiba²”

¹ Para quem desejar e puder flunar ciberneticamente pelo mesmo, sugiro visita ao sítio www.selvatica.art.br.

² Para quem desconhece, advirto sem a chancela da ANVISA, que em grande medida, a celeuma em torno da operação “Lava Jato” e então de seus desmembramentos rumo ao golpe já consumado com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, parte do juiz Sérgio Moro e então da cidade de Curitiba, onde o citado reside e atua. Por força também dessas ações emanadas de Moro, um importante movimento “de orgulho regional” toma corpo na cidade sulista brasileira, da qual sou cria (capital paranaense), rumo ao seu estabelecimento como República. Espalhados pela cidade estão outdoors para quem quiser se dele(i)tar, e adesivos para carros com essa marca tão singular. Sugiro que para outros esclarecimentos



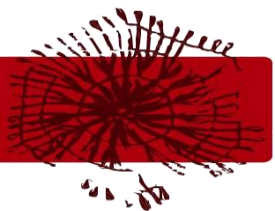
e seus panópticos disciplinares espalhados cidade afora e adentro. Ou justamente por isso é um lócus pulsante para a vida, já que o subversivo me remete para os toques plurais de experimentações escorregados à perversão, e então para o transbordamento das interpretações que tendem como já outrora nos alertava Gilles Deleuze, para engessamentos e violências. Para além do lugar onde me foi apresentado o livro de Foucault, a outra com-fluência/confluência é o trato com tato da publicação (bilíngue). Novamente evoco a adjetivação “impecável”, com muitas nuances de ironia, para quem não as percebeu – afinal de contas ou no final das contas contadas, o que seriam os pecados (...). Não haveria outra melhor editora. “N-1 edições” inspira-se na citação do “autor dual”, Deleuze-Guattari (VIVEIROS DE CASTRO, 2015³), para quem

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. **É preciso fazer o múltiplo**, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, **sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1.** (FOUCAULT, 2013, CONTRACAPA) (**destaques meus**).

Em tempos de rupturas no processo democrático brasileiro, em meio aos quais pululam cotidianamente exemplos de ódio e extermínios às diferenças, como se elas não nos instituíssem *full time*, grafar e gravar nas folhas do papel tessituras sobre costuras de palavras voltadas à multiplicidade dos corpos (especialmente dos abjetos-dejetos), de suas re-existências, passíveis de escritas outras para além das *foucaultianas* “resistências”, é sempre um bem-vindo exercício de re-iteração de visibilidade das vidas vivas e viáveis nas margens *trans-BORDA*-antes da estrutura ou à estrutura. Se a partir dos escritos de Judith Butler (2003; 2010), por exemplo, percebe-se que há vidas mais

quanto à “Lava Jato” e eventuais comparações com o movimento das “Mãos Limpas” na Itália, as pessoas leitoras possam assistir à entrevista do jornalista Pepe Escobar, em https://www.youtube.com/watch?v=JqLK6dD1_kU. Destaco também que é nesta cidade e estado que pulularam as exemplares ocupações estudantis em escolas públicas contra a PEC 241.

³ Em obra também lançada pela editora N-1 edições, as “Metafísicas canibais” (2015), o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro traça a importância das noções *deleuze-guattarianas* para os rumos do fazer antropologia. E em meio às noções de multiplicidade e do rizoma, por exemplo, emerge para mim a questão da autoria e suas des-pensações tão vitais em tempos de produtividades tão vis.



precárias que outras⁴, assim produzidas pelo Estado, ao travestirmos nossa vivência como travessia rizomática (DELEUZE-GUATTARI, 1995; 2007), o caminho torna-se sem volta. Como diria o poeta Paulo Leminski⁵, “isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é, ainda vai nos levar além” (LEMINSKI, 2013, p.228), porque quando imersos na multiplicidade de (des)caminhos que à travessia do nosso viver podemos dar sentidos com nossos sentidos, as performatividades etnocêntricas cada vez mais se instituem como descabidas. Em especial, quando às des-pensações *foucaultianas* e *deleuze-guattarianas* acresce-mos aquelas que os rebeldes franceses toma(ra)m de Nietzsche⁶. Destaco três noções passíveis de ligações com, por exemplo, as de “amor fati”; “eterno retorno” e “vontade de potência” que se de-preendem das escrituras e aforismos *nietzschianos*. São elas: perspectivismo, experimentação e pluralismo. Eis a perspectiva por mim adotada nessa resenha, para guiá-lxs⁷ por entre “o corpo utópico, as heterotopias” (...).

A obra é iniciada com “o corpo utópico” que é seguido por “as heterotopias”. O que seriam as utopias? De origem latina, o termo utopia se liga à ideia de uma sociedade onde vige a plena felicidade, portanto, à ideia de ideal fantasioso porque não realizável. As utopias para Michel Foucault nascem contra o corpo “e como que para apagá-lo” (FOUCAULT, 2013, p. 08). Explorará, portanto, esse lugar das utopias que nos produz tanto com um corpo *sem corpo*, porque belo, límpido, (...), quanto com um corpo *made in país dos mortos* – “*são as grandes cidades utópicas que nos foram deixadas pela civilização egípcia*” (FOUCAULT, 2013, p.09). Sem esquecer, daquele lugar que o apaga, porque é tão imortalizado quanto aquele onde as múmias vivem: a alma.

“Mas, na verdade, meu corpo não se deixa reduzir tão facilmente. Afinal, ele tem suas fontes próprias de fantástico; possui também ele, lugares sem lugar e lugares

⁴ A despeito de todas serem finitas na cadência da decadência corpórea.

⁵ Uma das tantas preciosidades de Curitiba, cujos “proemas” trago como mantras-relicários.

⁶ Procuo usar noções ao invés de conceitos, porque o que estes mestres me incita(ra)m a pensar-sentir-fazer é o movimento de des-construir os engessamentos conceituais tão corriqueiros no universo acadêmico, que toma o universo como tendo um único verso.

⁷ Propositadamente grafei com “x” ao invés de ser com “o” a palavra guiá-lxs, transgredindo a forma como nos impõe as regras da língua portuguesa no Brasil. Isso para remarcar o quanto reproduzimos sem pensar o englobamento do feminino pelo masculino, bem como, não pensamos o quanto a verdade de nós sujeitos é produzida na tão naturalizada sexua(liza)ção dos sujeitos mundanos, como há décadas e-anunciava Michel Foucault. A verdade de nós sujeitos passa pelo “sexo verdadeiro”, produzido pelos discursos biomédicos. Eis o “xis” da questão.



mais profundos ainda mais obstinados que a alma, que o túmulo, que o encantamento dos mágicos” (FOUCAULT, 2013, p.10). Esse corpo, Foucault chamar de “corpo utópico” dando  utopia sentidos outros, mais plurais porque múltiplos em meio  nossa vida-travessia recheada por fluxos de contradições. “Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico” (FOUCAULT, 2013, p.10). Incluo a aqueles abjetos-dejetos, os de pouca ou nenhuma importância para o Estado. Sim, porque estes corpos são vistos e re-conhecidos por mais que rechaçados, como bem me lembrou certo dia desses, uma das travestis com quem interajo, ao se colocar como um duo de ser humano e de ser monstro para os olhos alheios heteronormativos. Disse-me ela: se estes e outros tantos corpos são rechaçados é porque são vistos e lembrados, produzindo constantes afetações.

Em tempos de escolas sem partido e de tramitação da PEC 241, a resistência destes corpos (por mais à margem e abjetos-dejetos que sejam) nos inscreve na singularidade da multiplicidade da performatividade da própria humanidade. “Este corpo  (...) imponderável: nada é menos coisa que ele: ele corre, age, vive, deseja, deixa-se atravessar sem resistência por todas as minhas intences.  verdade! Mas até o dia em que adoeco ...” (FOUCAULT, 2013, p.11). Quando adoeco, padeo e sou atravessada pelas dores mundanas, eis que me vem à frente o em frente (e/ou enfrente) do *amor fati* – ao destino, ao fado, ao fatal – que simplesmente me sobrevm. *Leminskiando* “dor elegante” e outros de “*la vie en close*” (LEMINSKI, 2013):

Querer o eterno retorno  amar a eternidade do instante. É pedir, como o poeta, que seja eterno enquanto dure, “pois eu te amo,  eternidade!” Mas desejar a eternidade  desejar o impossível e desejar o impossível é o contrário do amor fati. Amar a vida, seu decorrer, amar o devir,  amar o instante, tomando-o como eterno, embora ele não o seja (...) (BILATE DE CARVALHO, 2007, p.08).

Eis o compromisso (est)tico com a nossa existência e a re-relao⁸ dela com outras existências. Na co-incidência com o amor fati *nietzschiano*, a conferência “o corpo utópico” assim se encerra, antes de dar início às “heterotopias”:

⁸ Ao escandir a palavra re-relação percebo que uma das possibilidades de sentidos para “relação”  o novo encontro ou o re-encontro com o sublime. Eis o que creio ser o estabelecimento de enlaces sociais preocupados em vivenciar o que nos sobrevm em nossos instantes-já,  la Clarice Lispector de gua Viva e/ou dos eternos retornos de Nietzsche.



Seria talvez necessário dizer também que fazer amor é sentir o corpo refluir sobre si, é existir, enfim, fora de toda utopia, com toda densidade, entre as mãos do outro. Sob os dedos do outro que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir, contra os lábios do outro os nossos se tornam sensíveis, diante de *seus* olhos semicerrados, nosso rosto adquire uma certeza, existe um olhar, enfim, para ver nossas pálpebras fechadas. O amor, também ele, como o espelho e como a morte, sereniza a utopia de nosso corpo, silencia-a, acalma-a, fecha-a como se numa caixa, tranca-a e a sela. É por isso que ele é parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cercam, amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está *aqui* (FOUCAULT, 2013, p.16). (Destques do original).

Desse instante-já *clariceano* (LISPECTOR, 2013) pautado pela melodia do amor ao fatal do destino que nos consome, a segunda conferência versa sobre os versos em prosa ou “proemas” à la Leminski, enunciativos das heterotopias. O que seriam as heterotopias? Abro novamente alas às aspas *foucaultianas*:

Pois bem, sonho com uma ciência – digo mesmo uma *ciência* – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as *hetero*-topias, espaços absolutamente outros; e, forçosamente, a ciência em questão se chamaria, se chamará, já se chama “heterotopologia” (FOUCAULT, 2013, p.20-21).

Em meio às exemplificações com tons, a meu ver, de deliciosas provocações, Foucault tece as tessituras dessa espécie de *ñanduty* denominada de heterotopologia. Lembro-me então do saudoso Rubem Alves para quem os saberes se deveres detêm, deveriam se lembrar de nunca esquecer em sempre trazerem consigo, seus deliciosos sabores (ALVES, 2011). Como contadora de histórias, pescadora e costuradora de palavras que(m) sou, sinto muito que os espaços-escolas ainda pequem⁹ pelas “grades” curriculares das forma(ta)ções tão rígidas no sentido mais policialesco do termo. E por sentir muito, “penso logo sinto” à la Itamar Assumpção¹⁰ que é a partir desses espaços tão dentro das estruturas e tão fora delas, porque não passíveis de contenções por essas, que a vida pulsa por mais precária que (e)s(t)eja.

⁹ Desejo que sem PEC's como a 241.

¹⁰ Um dos amigos e parceiros de Paulo Leminski.



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babbette. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

BILATE DE CARVALHO, Danilo. NIETZSCHE E A ACEITAÇÃO TRÁGICA DA VIDA. “Existência e Arte”- Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano III - Número III – janeiro a dezembro de 2007, p. 1-9. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/Danilo%20Bilate%20FILOSOFIA.pdf. Acesso em: nov.2016.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismos e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Marcos de Guerra: las vidas lloradas. Buenos Aires: Paidós, 2010.

DELEUZE, Gilles & GUATTARRI, Félix. Mil Platôs, vol.1. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. Mil Platôs, vol 3. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2007.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LISPECTOR, Clarice. As palavras. Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos, Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais. São Paulo: n-1 edições, 2015.